

# **A SOLIDÃO FEMININA E SUAS DELICADAS RELAÇÕES A PARTIR DOS ROMANCES DE CLARICE LISPECTOR**

## **THE WOMEN'S LONELINESS AND THEIR DELICATE RELATIONS FROM CLARICE LISPECTOR'S NOVEL**

**Kirlla Cristhine Almeida Dornelas**

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
Membro do Centro Internacional para a Pesquisa do Relacionamento Interpessoal (CIPRI)  
Consultora de pesquisa de mercado e psicóloga clínica  
E-mail: kirlladac@yahoo.com.br

### **RESUMO**

A literatura de Clarice Lispector (1999, 1998, 1992) é reveladora das particularidades humanas, o modo de pensar, agir, de conceber valores, de ser e viver, sobretudo no que concerne ao universo feminino: casamento, maternidade, lidar com a casa e os filhos. Mesmo agindo de acordo com as normas, as protagonistas são tomadas por uma inquietação, um sentimento de não ser ou pertencer. As mulheres apresentadas vivem papéis reforçados pelas relações que estabelecem com seus maridos, amantes, amados, colegas e filhos, porém, não são relações significativas. Ao se sentirem sós, elas questionam quem são. Os romances de Lispector (1999, 1998, 1992) mostram o processo de conscientização do eu feminino e como a solidão pode ser transformadora, participando na estruturação da autonomia. A solidão, mais do que limitar espaços, também pode regenerar ou gerar a mulher. Sentir-se só não é sentir-se alheio à sociedade. As tramas claricianas falam acima de tudo da importância do amor-próprio e nos mostram que ser algo que não se é não promove o encontro com as pessoas. Como ilustração, apresentamos a trajetória percorrida por uma de suas personagens. Nessa busca de compreender a importância da obra de Clarice nas reflexões sobre o feminino, conceituamos solidão, solidão feminina e amor. A literatura então serve de apoio para a identificação e para a própria história de construção do ser mulher.

**Palavras - chave:** Clarice Lispector. Solidão. Mulher. Literatura. Relacionamento.

## ABSTRACT

Clarice Lispector's literature is a revealing fact of the human special features, the way of thinking, acting, design values, and living, especially concerning the female universe: marriage, motherhood, dealing with the house and the children. Even acting in accordance with the rules, the protagonists are taken by restlessness and a sense of belonging or not. The women presented live roles strengthened by establishing relationships with their husbands, lovers, beloved, mate (colleagues) and children, but they are not significant relations. When they feel alone, they wonder who they are. Lispector's novels show the process of awareness of the feminine I and how solitude can be transforming, participating in the autonomy structuring. Solitude rather than limiting spaces can also regenerate or create a woman. Feeling lonely is not only feeling unconnected to the others. Clarice's plotting speaks above all the importance of self-esteem and show us that being something that you are not is not promoting the encounter with people. As illustration, we present the course done by one of her characters. In this search to understand the importance of Clarice's work at the reflections about the feminine, we named solitude, feminine solitude, and love. The literature then helps as a support to the identification and to the own history of the construction of being a woman.

**Key words:** Clarice Lispector. Loneliness. Woman. Literature. Relationship.

## INTRODUÇÃO

Muito tem se falado sobre a importância dos relacionamentos interpessoais, entre outras funções, para o sentimento do bem-estar humano. O desenvolvimento da empatia partilha de idéias e valores sociais, intimidade, comunicação, similaridades e complementaridade são alguns dos aspectos apresentados como parte das relações. Mas o que ocorre quando se dá a ausência deste vínculo ou a sensação de que ao relacionamento falta algo, ou mesmo a preferência pelo isolamento ao invés de buscar a proximidade com outras pessoas?

Na busca de entender este fenômeno humano, a literatura é um importante aliado, pois as personagens representam faces e papéis que exercemos na sociedade. De acordo com Rosa (1998) a literatura revela a dinâmica social por apresentar situações semelhantes à

realidade, revelando as particularidades humanas, o modo de pensar, agir, de conceber valores, de ser e viver. Neste sentido, a reflexão sobre a solidão pode ser realizada pela análise da produção literária, uma vez que as tramas apresentadas pelo autor são carregadas de significados sociais.

Para isto, temos que conceber a leitura como um processo que conspira com o leitor, que ao se identificar com as personagens, se insere num contexto interpessoal, possibilitando a compreensão de si mesmo e das questões apresentadas. Clarice Lispector (1999) é uma autora que compreende bem o seu papel de capturadora das interações sociais, econômicas e culturais vigentes em sua época. Embora a literatura carregue essa marcação histórica, Clarice presentifica as emoções por se preocupar com o que há “por dentro” de seus personagens, o seu foco é psicológico. Portanto, é fácil para o leitor se projetar e se identificar com suas heroínas.

Os romances de Clarice Lispector (1999, 1998, 1992) têm como foco a mulher e suas relações interpessoais. Sua literatura é reveladora das particularidades humanas, o modo de pensar, agir, de conceber valores, de ser e viver. O contato que as protagonistas de Clarice tem consigo e com os outros dão o tom da condição feminina. Diante disto, os romances apresentam os padrões de comportamentos esperados para a mulher burguesa: casamento, a maternidade, lidar com a casa e os filhos, como se não houvesse mais nada que a mulher pudesse desejar. Seu mundo é limitado pela sua condição de mulher. Como existir é muito mais do que responder às normas, as protagonistas são tomadas por uma inquietação, um sentimento de não ser ou pertencer, mesmo agindo conforme a moral pré-estabelecida. Como diz Barreto (2004), suas personagens expõem e aprofundam as questões recorrentes de sua ficção, como o amor, a vida, a morte, o mistério dos seres e das coisas, além do sentimento de solidão. Sobre este processo, esclareceremos alguns pontos a seguir.

## **SOBRE O TEMA SOLIDÃO**

A definição da solidão remete a uma falha nas relações interpessoais, por considerá-las desagradáveis (PEPLAU; PERLMAN, 1982). Também pode ser compreendida como uma ausência de satisfação nos relacionamentos (YOUNG, 1982). Desta maneira, a solidão é vista como algo negativo, pois representa um déficit nos relacionamentos em si ou na percepção sobre eles.

A qualidade e a quantidade de relacionamentos são parâmetros válidos para identificar a solidão e, neste caso, podemos defini-la como ausência de intimidade ou proximidade entre as pessoas (BERG; MCQUINN, 1989; RUSSEL *et al.*, 1984).

Mesmo os solitários mais convictos falam de um sofrimento pela falta de um companheiro, e de como é penoso não ter ninguém ao lado quando o telefone toca de madrugada; e ainda, o quanto receber uma notícia ruim, sozinho, é desesperador. Acrescenta-se a isso tudo, que nem sempre é satisfatório ter de pegar a agenda do telefone e sair pelos bares para dar um jeito na vida sexual [...] Ademais, revelam que é um desalento não ter ninguém para cuidar (VEJA, 2001).

Significando um estado mental de isolamento em relação a outras pessoas ou o contato limitado de relações, a solidão impacta as interações das pessoas que a vivenciam. Larose, Guay e Boivin (2002) destacam que as relações interpessoais e conseqüentemente isolamento devem ser analisados considerando a experiência da solidão como resultante do contexto social que promove a limitação na rede de relações da pessoa; as características individuais e a percepção sobre o mundo e sobre os relacionamentos.

Além disto, Weiss (1982) trouxe a distinção entre solidão social e solidão emocional. Enquanto a primeira refere-se ao tempo que as pessoas dispensam à vida social - e como isto resulta em uma menor integração nas redes sociais e um envolvimento superficial das relações -, a solidão emocional apresenta-se como um vazio nas relações interpessoais, o contato com o outro não é significativo.

Observamos, então, que a solidão não significa necessariamente a ausência dos relacionamentos interpessoais, mas a ausência do sentimento de “pertencimento” e de outro que o auxilie na sua referência de ser no mundo, pois a constituição do que somos é resultante da escolha relativa entre coisas, do tipo “gosto disto e não daquilo”. Ou seja, na presença do outro nos identificamos, estabelecendo as relações pelas complementaridades das nossas diferenças e pela partilha das similaridades (HINDE, 1997).

Parece-nos que a valorização dos relacionamentos interpessoais aumenta a sensação de solidão para aqueles que não partilham os códigos vigentes. Esta perda de algo tão valorizado pela sociedade possivelmente seja a fonte da maior parte do descontentamento, da sensação de falta de sentido e da solidão que vemos recheiar as reportagens de revistas, programas de entretenimento e consultórios psicológicos. De acordo com Zeldin (1997), as mudanças sociais advindas dos fins das tribos para a sociedade do indivíduo e a prosperidade aumentam a probabilidade de “sofrer deste mal”.

Diante disto, a solidão aparece como um grave problema social da atualidade (ROTENBERG, 1994), pois o solitário, embora seja um tipo cada vez mais comum em nossa

sociedade, é visto como representante de algo indesejado e desagradável (PERLMAN; JOSHI, 1989). De acordo com Lau e Kong (1999) o solitário é menos desejado como amigo, por ser visto como desajustado, mal-sucedido, passivo, pouco sincero e sem objetivos na vida.

A solidão torna o ser humano vulnerável, frágil e dependente, pois a relação não se realiza (GIDDENS, 1993). Diante disto, esta experiência pode ser subestimada, já que as pessoas parecem não querer identificar-se como uma pessoa solitária. Ou seja, falamos de solidão, mas na verdade há as solidões, pois esta se apresenta de diferentes maneiras ao longo da vida das pessoas. A solidão pode ser circunstancial, desenvolvida ou interna. Além disto, a diferença entre ser sozinho e estar sozinho tem fronteiras tênues que dificultam a compreensão da experiência de solidão, aliado ao fato de ser considerado um fenômeno exclusivo da esfera privada. A solidão não se compartilha, ela também é solitária por não entendermos como parte da vida social.

Todavia, os sentimentos não podem ser descolados do social, pois é neste campo que a solidão se manifesta com suas estratégias de manutenção ou de transformação. Sofrer de solidão faz parte da existência humana (DOLTO, 1998) e, como tal, mesmo na experiência de um sujeito há toda a humanidade ali representada. Ainda mais se pensarmos que nossa evolução social se deu na troca entre as pessoas. Se somos feitos para nos relacionar, o que somos quando esse processo é estéril? Em um momento ou outro as personagens de Clarice se fazem essa pergunta e se deparam com a sua condição de ser mulher.

## **SOLIDÃO FEMININA**

A esfera dos sentimentos e relacionamentos é culturalmente considerada feminina. Há diversos trabalhos que mostram as mudanças no papel da mulher, as conquistas de direitos, a inserção no mercado de trabalho e a melhoria na escolaridade. Diante disto, as aspirações femininas de realização pessoal e profissional vêm se deslocando da possibilidade de realização somente com o matrimônio e/ou maternidade (BIASOLI-ALVES, 2000). Muitas vezes, as mulheres de Clarice não conseguiam assumir essa possibilidade.

As relações sociais passaram por transformações, contudo o simbolismo do universo feminino como um espaço privilegiado da afetividade e dos relacionamentos ainda se mantém. Portanto, o peso da solidão parece ser maior para as mulheres. Aspecto reforçado pelos estudos demográficos que apontam um aumento no número de mulheres solteiras,

divorciadas e viúvas, sendo que muitas delas moram sozinhas ou são as chefas de suas famílias (WOORTMANN, 2004). Além disto, há a solidão na presença do outro, tão bem exemplificada nas tramas propostas por Clarice em seus romances.

O fato de a mulher estar cada vez mais se inserindo no espaço público - o que sugere uma ampliação na rede social, ou a dedicação maior à vida doméstica como isolamento - não encontra respaldo nas pesquisas sobre solidão. Isto é, o gênero não parece ser significativo quando se estuda esse fenômeno mesmo se considerarmos idade, estado civil e composição familiar (DEJONG-GIERVELD, 1998). Ou seja, a condição de ser mulher em si não é um espaço privilegiado da solidão, mas a maneira como se relaciona com seu ser e estar no mundo pode levar ao sentimento de isolamento.

Neste sentido, as expectativas em relação aos papéis de gênero podem influenciar, impedindo que os homens admitam que estejam sozinhos, assim como as mulheres, por não quererem se mostrar como vulneráveis (CRAMER; NEYEDLEY, 1998). Em uma pesquisa coordenada por Néri (2005) ao relacionar casamento e solidão, comparando dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1970 e 2000 mostra que o número de pessoas solitárias aumentou, tanto homens quanto mulheres estão mais sozinhos.

Ao estudar infertilidade, Trindade e Enumo (2002) relataram que as mulheres se sentem mais sozinhas na ausência dos maridos, mesmo que não seja real a falta. Uma postura mais tradicional frente ao papel feminino de esposa e a ausência de vínculo na relação interpessoal podem justificar este resultado. Quando a mulher tem chance de se auto-descobrir, liberdade de escolha e condições de exercer múltiplos papéis há uma melhoria crescente no seu bem-estar psicológico (POSSATTI; DIAS, 2002).

Como observamos na literatura sobre solidão, esta pode ocorrer na presença ou não de outras pessoas. Porém, a diversidade de possibilidades atreladas a expectativas conservadoras pode dificultar a integração identitária da mulher, neste caso, a solidão vem do desamparo de não corresponder aos ideais. Os romances claricianos retratam a busca de superar o limite de ser mulher para tornar-se um ser humano autêntico.

## **ROMANCE, AMOR E SOLIDÃO**

A solidão é sentimento intenso, complexo e muitas vezes, contraditório. Pois ela representa a distância entre o mundo e o eu, ao mesmo tempo que demonstra a necessidade

social de intimidade. De acordo com Ernst e Cacioppo (1999), as pessoas solitárias são desconfiadas, consideram que têm pouco controle sobre os acontecimentos sociais, falta confiança em si, vivenciam a afetividade negativamente e geralmente, são descontentes com suas relações afetivas. As personagens de Lispector desejam relacionamentos mais significativos que as retirem de uma vida sem sentido. Essa carência das mulheres relatadas nos romances reflete um campo afetivo empobrecido presente na sociedade contemporânea (ROUGEMONT, 2003).

A completude e a felicidade são representações da presença do amor, e como tal é algo desejado pela sociedade, como se não houvesse possibilidade de ser inteiro se não fosse pela presença do outro. Os significados do que seja o amor são difundidos socialmente e as pessoas que não compartilham desses códigos são solitárias e fracassadas. Responder a determinadas normas vem ao encontro do desejo social, mesmo que não crie vínculos significativos.

Como regulador da ordem social, o amor é base de muitas de nossas características culturais, por exemplo, o casamento e a família. Quando a Igreja Católica instituiu o casamento no Século XVI, foi para mostrar poder implantando um sacramento regulador dos relacionamentos. O matrimônio servia na manutenção dos bens e para criar a família (PRIORE, 2005). Contudo, com a popularização do ideal romântico no Século XIX, muitos defenderam o direito de escolher o cônjuge por amor (SILVA, 2006).

A busca do apaixonar-se pode ser fruto da solidão e, ao querer ser um, é negada ao sujeito a alteridade. Assim, é um horror perder a própria identidade sem a pessoa que te completa ou não saber quem se é ao estar sozinho (BERKIN; MORALES, 2000). Isto cria um círculo vicioso entre a solidão e a busca do amor que causa mais sofrimento ao invés da experiência do amor como vitalidade. Nestas situações, ao invés de ser um anseio pessoal de encontro, torna-se mais uma resposta às expectativas sociais.

Com esse pano de fundo, Clarice busca entender a identidade da mulher e o questionamento de seu papel e posição na sociedade. Há momentos em que as personagens sentem que não existem e não vivem para si mesmas. As mulheres apresentadas vivem papéis reforçados pelas relações que estabelecem com seus maridos, amantes, amados, colegas e filhos. Isso impede a construção de sujeitos autônomos capazes de refletir sobre suas ações, se auto-respeitar e mobilizar-se para respeitar o outro. Acoplado à busca da identidade, outro tema recorrente nas obras da autora é o amor.

Na busca pelo amor, as mulheres claricianas são sós, e ao se depararem com a solidão questionam quem são. Se a solidão torna o ser humano vulnerável, frágil e dependente, vemos que, no início das narrativas, as personagens não demonstram contato real com o outro, pois a relação consigo mesma não se realiza. Não há um contorno que dê forma à mulher. Deste modo, as relações estabelecidas contribuem para a solidão que as personagens experimentam.

Quando se está alheio a si mesmo, a busca pelo outro é resultado do desespero. Tanis (2003) ressalta que há vários tipos de solidão e uma de suas expressões é aquela em que “o outro não representa companhia ou pertinência, mas um olhar reassegurador da própria existência”. Ao lermos um romance e nos identificarmos com a narrativa asseguramos esse olhar ao personagem, ao mesmo tempo em que recebemos de volta o olhar do autor.

O amor por nós mesmos nos impulsiona amar mais e melhor a todos com que se convive. Assim, amar a si mesmo é estimar-se, procurar o sentido de si na própria vida, buscar a realização pessoal por meio de tudo o que se faz e viver dia após dia. Amar-se é lutar por sua individualidade, entendida como disciplina pessoal, interesse e respeito por si mesmo (MONTES, 2000).

Estar sozinho pode ser uma oportunidade de recuperação criativa, no sentido de criador, tanto pessoal quanto social. Conforme Storr (1996) a aprendizagem e o contato com as outras pessoas necessita que tenhamos a capacidade de estar só. Na contemporaneidade o individualismo vem em primeiro lugar associando à igualdade. Essas mudanças colocaram as mulheres como agentes de transformação (SILVA, 2006). A emancipação feminina, o uso da pílula anticoncepcional, a abertura do mercado de trabalho e a maternidade como escolha promoveram mudanças nas esferas públicas e privadas (SZAPIRO; FERES-CARNEIRO, 2002).

Estas mudanças promoveram a ampliação das possibilidades de interação interpessoal. Todavia, a dificuldade de criar vínculos continua. Os romances de Lispector mostram o processo de conscientização do eu feminino. A auto-descoberta identitária obrigam as personagens a olhar para dentro de si buscando construir seus significados além dos papéis pré-atribuídos à mulher. Clarice torna positiva a solidão ao apresentar sua ação transformadora e participação na estruturação da autonomia. Sozinha, as personagens refletem sobre suas necessidades. Ao voltar-se para si a pessoa pode se ver e assim, a solidão mais do que limitar espaços também pode regenerar ou gerar a mulher. Os relacionamentos são marcados em obrigatoriedades de códigos e comportamentos superficiais que reforçam a idéia



de que a realidade é resultante da experiência entre duas pessoas ou mais, sem valor em si mesmo. A solidão então se apresenta como um inimigo que deve ser combatido, aumentando os vazios que não são preenchidos na vida pessoal, mas, acima de tudo, na vida social. Sentir-se só não é sentir-se alheio à sociedade. Clarice fala acima de tudo da importância do amor-próprio e nos mostra que ser algo que não se é não promove o encontro com as pessoas.

## **CLARICE IDENTIFICA NOSSA SOLIDÃO**

Ao utilizarmos um livro como representação de como as pessoas vivenciam suas relações, através das personagens, podemos capturar a experiência dos processos psicossociais e verificar, através da análise de seus conteúdos, os seus sentidos. A personagem interpreta uma ação e a análise envolve, além da ação em si, a interpretação sobre o contexto psicossocial em que o leitor se coloca. Esta análise capta, então, a relação entre leitor e personagem, mas também as organizações sociais do leitor para criar a identificação. Neste sentido, Leite (2000) foi pioneiro ao apresentar a possibilidade de “análise psicológica da literatura” utilizando a literatura nacional para explicar a sociedade brasileira.

Além disto, muito se fala da arte literária como uma expressão de um momento histórico na cultura de um povo, refletindo seus princípios e costumes, ou seja, a moral e a ética corrente do período. Neste sentido, ler Clarice Lispector é pensar na posição da mulher na sociedade, embora me abstenha, neste artigo, de fazer comentários sobre como o feminino se transformou e criou história. Mais uma vez ressalto como escrever um livro é reflexo das interações sociais, embora possa ser entendido como um processo particular também.

Neste sentido, a literatura e as histórias contadas, ao serem analisadas, colaboram para o entendimento do processo de identidades sociais, ao mesmo tempo em que formam e disponibilizam o acesso às interações presentes na formação do humano (FRIDMAN, 2000). Ou seja, ao qualificar, caracterizar, descrever as relações humanas, a literatura retrata e produz o conteúdo dos relacionamentos, expondo muitas vezes, faces mal compreendidas e diferentes das relações humanas (LEITE, 2000).

Dentro da grandeza de sua obra, escolhemos como guia o romance “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres” (LISPECTOR, 1998). Desde o título, a autora nos propõe refletir sobre como devemos agir. É uma história de amor, e como tal há a aprendizagem do desamor e da busca de tornar-se digno de ser amado. Ulisses é professor de

filosofia e Lóri, professora primária. Eles são aqueles que ensinam, mas ao se encontrar percebem que há muito que aprender para poder encontrar-se consigo mesmo e um com o outro, terem uma relação em que as defesas e os medos são abandonadas para se amar. No encontro consigo mesma, Clarice liberta a mulher que, consciente de sua libertação, começa uma viagem ao seu eu. Em um primeiro momento, Lóri é guiada e orientada por Ulisses, relação heterônoma e paternalista; contudo, ela percebe que precisa estar só e assim ir ao encontro dele. Ou seja, Lóri precisa ser autônoma, amar a si mesma, se enxergar para ver o mundo e reconhecer o seu homem amado.

Supôs que ele queria ensinar-lhe a viver sem dor apenas, ele dissera uma vez que queria que ela, ao lhe perguntarem seu nome, não respondesse “Lóri” mas que pudesse responder “meu nome é eu”, pois teu nome, dissera ele, é um eu” (LISPECTOR, 1998, p.13)

Em um primeiro momento, as armas de Lóri para conquistar Ulisses são aquelas que a sociedade indica como basilares na feminilidade: beleza e passividade. Seus investimentos na relação são feitos através de comportamentos que reforcem essa imagem social. Uma imagem que vem de fora pra dentro e que encapsula o eu feminino, isolando-o. Na medida em que ela vai se conhecendo, seu olhar se volta aos aspectos significativos do relacionamento. Ela descobre novas referências que a aproximam de si mesma, e se separa de Ulisses, em um primeiro momento. Com isso me lembro de uma frase que ouvi por aí na vida: “Encontro só ocorre de pessoa inteira com pessoa inteira”. Bem, podemos pensar a partir disto que os relacionamentos interpessoais são fontes de reciprocidades quando ocorrem entre sujeitos autônomos.

Neste sentido, a separação é um aspecto da autonomia decorrente da dinâmica de desenvolvimento humano, ou seja, o sujeito se torna capaz de se reconhecer como único e experimentar suas próprias escolhas. Entretanto, quando as escolhas se colocam de maneira tão fluída na sociedade, que a todo momento está em busca do novo, fica complicado para as pessoas a assimilação do que ocorre ao seu redor e aprender a usar seus próprios recursos. Como o ser humano não se conhece, não se torna capaz de reconhecer o outro o suficiente para se comover com o encontro. “Amor será dar de presente um ao outro a própria solidão? Pois é a coisa mais última que se pode dar de si” (LISPECTOR, 1998, p. 155).

O sentimento de solidão questiona a identidade daquele que o experimenta, pois se trata de uma representação desintegrada do eu. Jung (1967) considera que somos formados pelos princípios masculino (*animus*) e feminino (*anima*) sendo a experiência amorosa uma

oportunidade de desenvolvermos o aspecto mais diminuto de nossa *psique*. Assim, o *animus* representa a palavra, o poder, os atos e os processos da linguagem. É o mundo da ordem. Já a *anima* associa-se à naturalidade, união e relacionamento. É o mundo da espontaneidade. Quando nos afastamos de um ou outro princípio ficamos submissos à rigidez ou à futilidade. Caso ocorra a oportunidade do encontro, este não se efetiva, pois o relacionamento não estabelece reciprocidade e a dependência se coloca como parte da dinâmica da relação. Isto impede a construção de sujeitos autônomos capazes de refletir sobre suas ações, se auto-respeitar e mobilizar-se para respeitar ao outro. “A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano” (LISPECTOR, 1998, p. 32).

Ao nos identificarmos com a solidão de Lóri, localizamos nossa solidão e podemos assim legitimar a sua presença na vivência de superficialidades que não promovem o sentimento de pertencer a alguém ou à vida. Não há vínculos.

Temos amontoado coisas e seguranças por não nos termos um ao outro. Não temos nenhuma alegria que já não tenha sido catalogada. Temos construído catedrais, e ficado do lado de fora, pois as catedrais que nós mesmos construímos, tememos que sejam armadilhas. Não nos temos entregue a nós mesmos, pois isso seria o começo de uma vida larga e nós a tememos. Temos evitado cair de joelhos diante do primeiro de nós que por amor diga: tens medo. Temos organizado associações e clubes sorridentes onde se serve com ou sem soda. Temos procurado nos salvar mas sem usar a palavra salvação para não nos envergonharmos de ser inocentes. Não temos usado a palavra amor para não termos de reconhecer sua textura de ódio, de amor, de ciúme e de tantos outros contraditórios. Temos mantido em segredo a nossa morte para tornar nossa vida possível. Muitos de nós fazem arte por não saber como é a outra coisa. Temos disfarçado com falso amor a nossa indiferença, sabendo que nossa indiferença é angústia disfarçada. Temos disfarçado com o pequeno medo o grande medo maior e por isso nunca falamos no que realmente importa. Falar no que realmente importa é considerado uma gafe. Não temos adorado por termos a sensata mesquinhez de nos lembrarmos a tempo dos falsos deuses. Não temos sido puros e ingênuos para não rirmos de nós mesmos e para que no fim do dia possamos dizer "pelo menos não fui tolo" e assim não ficarmos perplexos antes de apagar a luz. Temos sorrido em público do que não sorriríamos quando ficássemos sozinhos. Temos chamado de fraqueza a nossa candura. Temo-nos temido um ao outro, acima de tudo. E a tudo isso considera a vitória nossa de cada dia. Mas eu escapei disso, Lóri, escapei com a ferocidade com que se escapa da peste, Lóri, e esperarei até você também estar mais pronta (LISPECTOR, 1998, p. 48).

Em tempo de relacionamentos virtuais e fugazes, não dá tempo para esperar que o outro fique pronto como em um romance. Entretanto, nos tornamos mais personagens do que seres de ficção. Mesmo a identidade sendo compreendida como uma produção das relações intra-grupos e inter-grupos, ela é parte do auto-conceito e quando escolhemos qual máscara social (*persona* – personagem) vamos ser colocamos um anteparo entre o eu e o outro, e vice-versa. Afasta e cria espaços de solidão.

É isto que entregamos ao outro ao nos encontrar, e não necessariamente acontece o reconhecimento mútuo. Contudo, a solidão é necessária para estruturação da pessoa autônoma, para que ela possa refletir alheia às necessidades e se ater ao que é importante. Ao voltar-se para si a pessoa pode se ver. Lóri, em seu desespero, pára de lutar com a solidão quando percebe que ela está se descobrindo sem as distrações de suas ansiedades.

Inquieta, andava de um lado para outro do apartamento, sem lugar onde quisesse se sentar. Seu anjo da guarda a abandonara. Era ela mesma que tinha que ser sua própria guardiã. E tinha agora a responsabilidade de ser ela mesma. Nesse mundo de escolhas, ela parecia ter escolhido (LISPECTOR, 1998, p.75).

A solidão quando demarcada também pode regenerar. Pena que em tempos hedonistas de auto-realizações projetadas no que se tem, não há como desenvolver um auto-respeito positivo, pelo fato de sua auto-estima estar localizada em uma nova moda. Vemos aí, como o desenvolvimento moral é importante para a construção dessa percepção porque para fazer o que se quer é necessário, primeiro saber o que fazer.

Iludimo-nos cultivando nossa individualidade como se isto significasse autonomia, quando na verdade estamos sob a obrigatoriedade de responder ao que o outro considera como adequado. Segundo La Taille (2006) a pessoa heterônoma precisa seguir aquilo que o outro segue ou considera importante. Na autonomia, a moralidade se manifesta no respeito a si próprio, sem deixar de lado o outro. É uma compressão de que o seu direito começa no mesmo lugar do que o do outro. Não há como cobrar do outro aquilo que não pode ser cobrado de si mesmo. Dolto (1998) diz que as cidades são espaços solitários porque as pessoas não cuidam de outros seres humanos, mas esperam ser cuidadas.

Ulisses e Lóri são representantes dos símbolos de encontros e desencontros da história pessoal de cada um na busca de si mesmo e do outro, ou seja, o sonho da totalidade. Ambos estão em busca do amor e até a sua expressão completa, tem que passar por momentos de sofrimento e isolamento. Ao buscarmos nossa totalidade temos que percorrer o caminho da individuação, experimentar a solidão, se tornar consciente de si mesmo, integrando-se, para conseguir olhar o outro.

A qualidade dos relacionamentos interpessoais e o sentir-se só dependem de como o ser humano se coloca no mundo. Para tal, parece que ao lermos Clarice há um pergunta implícita ao leitor: qual é a vida que quero viver? Assim, ela termina o seu romance com dois pontos, representando que para o amor feliz é preciso continuar esse diálogo interno. E cada leitor entenda isto como quiser.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Responder a costumes como um dever somente conduz as pessoas ao isolamento social por não haver espaço para as trocas emocionais e intelectuais. A consciência que tanto valorizamos é desenvolvida por meio da interação com o mundo. Porém, nos isolamos em nosso sofrimento e não abrimos espaço para o encontro.

Ulisses, você se lembra de que uma vez me perguntou por que eu voluntariamente me afastara das pessoas? Agora posso falar. É que não quero ser platônica em relação a mim mesma. Sou profundamente derrotada pelo mundo em que vivo. Separei-me só por uns tempos por causa de minha derrota e por sentir que os outros também eram derrotados. Então fechei-me numa individualização que se eu não tomasse cuidado poderia se transformar em solidão histórica ou contemplativa (LISPECTOR, 1998, p. 135).

Basta abrir os jornais, para vemos que a vida está pesada demais para carregarmos sozinhos. Sensibilizar-se é reatar os laços sociais e tirar do espaço público o aspecto ameaçador. Algo que se reflete nos relacionamentos, que ao mesmo tempo em que é valorizado, torna-se fonte de sofrimento para as pessoas. A vida individualista nas sociedades contemporâneas ocidentais tem provocado um vazio (MOREIRA; CALLOU, 2006). Este isolamento pode falar de várias pessoas, porém não há eco. “O discurso amoroso é hoje de uma extrema solidão”, afirma Barthes (2003).

Neste contexto, por mais que sejam ampliadas as oportunidades de conhecer outras pessoas, não há um encontro e as pessoas sentem-se cada vez mais sozinhas (LIPOVETSKY, 2005). Lóri representa esta solidão, a falta de capacidade de se doar às relações e ao mundo. Contudo, este período de solidão poderia ser utilizado para que as pessoas pudessem entrar em contato consigo mesma e ampliar seus limites emocionais ou intelectuais. Ou seja, experimentar a solidão como “a capacidade de estar só na ausência do outro” (SEEWALD; HALPERIN, 1995). Assim, com a aprendizagem é possível a felicidade amorosa, como Lóri encontrou com Ulisses, ao se dedicar a si mesma.

Para Sanchez Aragon e Díaz Loving (2002), a auto-aceitação, segurança e uma visão positiva de si e dos outros são características favoráveis ao desenvolvimento de relações interpessoais ricas e satisfatórias. As expectativas pessoais influenciadas pela cultura e a história de vida são fatores importantes para a criação de vínculos afetivos.

No mesmo estudo, os autores argumentam que a auto-estima e o apego seguro são importantes para que as pessoas adotem comportamentos de proximidade ou afastamento social, sendo que as mulheres são mais precavidas e defensivas que os homens ao iniciarem a relação amorosa, pois estariam menos satisfeitas com elas mesmas e com seus relacionamentos amorosos. A Lóri é assim.

Apesar do hedonismo do amor nos dias de hoje, as mulheres ainda experimentam a sexualidade como fonte de medo e frustração. Neste sentido, as mulheres ainda associam sua feminilidade muito mais ao papel de cuidadora, deixando a vida sexual ser orientada pelos homens. Ainda assim, ambos os sexos consideram que a equidade é o ideal para uma relação amorosa prazerosa (DIAZ-LOVING, 2004). O autor destaca ainda que o fato da cultura valorizar o espaço privado como feminino cria altas expectativas e pressões sobre como elas transitam por esse lugar e reflete negativamente na auto-avaliação de suas relações amorosas.

Tanto o amor como a solidão são construções sócio-históricas e fornecem modelos de comportamentos que vão legitimar nas pessoas suas experiências. A transição pelas polaridades positiva e negativa depende da história pessoal. A solidão então se apresenta como um inimigo que deve ser combatido, aumentando os vazios que não são preenchidos na vida pessoal, mas, acima de tudo, na vida social. Sentir-se só é sentir-se alheio à sociedade, contudo, reforça o quanto a nossa existência é dotada de sentido pelos seus contextos sociais.

A literatura é uma representação coletiva das vivências humanas. Ao utilizarmos um romance como representação de como as pessoas vivenciam suas relações através das personagens, podemos capturar a experiência dos processos psicossociais e verificar os seus sentidos. A dificuldade de experimentar o processo de individuação prejudica o auto-conceito cristalizando a identidade, o que afasta e cria espaços de solidão. Os relacionamentos são marcados em obrigatoriedades de códigos e comportamentos superficiais que reforçam a idéia de que a realidade é resultante da experiência entre duas pessoas ou mais, sem valor em si mesmo. Contudo, a solidão é necessária para a estruturação do eu. Ao voltar-se para si a pessoa pode se ver e enxergar o caminho em direção ao amor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, I. Clarice Lispector: bem perto do coração selvagem da vida. *Comum*, Rio de Janeiro: Facha, v. 10, n. 23, p. 78-90, jul./dez. 2004.

BARTHES, R. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERG, J. H., MCQUINN, R. D. Loneliness and aspects of social support networks. *Journal of Social and Personal Relationships*, v. 6, n. 3, p.359-372, ago. 1989.

BERKIN, S. C.; MORALES, Z. R. El amor como vínculo social, discurso e história: aproximaciones bibliográficas. *Espiral*, v. 17, n. 6, p. 49-70, 2000.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no Século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 16, n. 3, p. 233-239, 2000.

CRAMER, K.M.; NEYEDLEY, K.A. Sex differences in loneliness: The role of masculinity and femininity. *Sex Roles*, v. 38, n.7-8, p. 645-653, 1998.

DE JONG GIERVELD, J. A review of loneliness: Concept and definitions, determinants and consequences. *Reviews in Clinical Gerontology*, v.8, n.1, p. 73-80, 1998.

DIAZ-LOVING, R. Configuration and integration of psychosocial components in mexican couples relations. *Interdisciplinaria*, v. 21, n. 1, p. 53-70, 2004.

DOLTO, F. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. *Solidão*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TRINDADE. Z. A.; ENUMO, S. R. F. Triste e incompleta: Uma visão feminina da mulher infértil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 13, n. 2, p. 151-182, 2002.

ERNST, J. M.; CACIOPPO, J. T. Lonely hearts: Psychological perspectives on loneliness. *Applied & Preventive Psychology*, v. 8, p.1-22, 1999.

FRIDMAN, L. C. *Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

FROMM, E. Tradução de Eduardo Brandão. *A arte de amar*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GIDDENS, A. Tradução de Magda Lopes. *As Transformações na Intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HINDE, R. A. *Relationships: A dialectical perspective*. UK: Psychology Press Publishers.

JUNG, E. Tradução de Dante Pignatari. *Animus e Anima*. São Paulo: Cultrix, 1967.

LAROSE, S., GUAY, F., BOIVIN, M. *Attachment, social support, and loneliness in young adulthood: A test of two models*. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 28, n. 5, p. 684-693, 2002.

LA TAILLE, Y. *Moral e ética: Dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAU, S., KONG, C. The acceptance of lonely others: Effects of loneliness and gender of the target person and loneliness of the perceiver. *The Journal of Social Psychology*, v. 139, n.2, p. 229-41, 1999.

- LEITE, D. M. A realidade americana na literatura. *Psicologia USP*, v. 11, n.2, 2000.
- LIPOVETSKY, G. Tradução Therezinha Monteiro Deustsch. *A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole, 2005.
- LISPECTOR, C. *Um sopro de vida: pulsações*. São Paulo: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, C. *Perto do coração selvagem*. São Paulo: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, C. *A cidade sitiada*. São Paulo: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, C. *A paixão segundo G. H.* São Paulo: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. São Paulo: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, C. *Água viva*. São Paulo: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. São Paulo: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, C. *A maçã no escuro*. São Paulo: Rocco, 1992.
- LISPECTOR, C. *O lustre*. São Paulo: Ediouro, s.d.
- MONTES, M. El amor, base fundamental del ser saludable. *Colombia Médica*, v. 31, n.1, p. 49-54, 2000.
- MOREIRA, V.; CALLOU, V. Fenomenologia da solidão na depressão. *Mental*, v.4, n.7, p. 67-83, 2006.
- NERI, M. C. Sexo, casamento e solidão. *Revista Conjuntura Econômica*, v. 59, n. 6, p. 66-68, jun./2005.
- O fantasma da solidão. *Veja*. São Paulo, ano 34, 25 jul. 2001. Parte integrante da edição 1 710.
- PEPLAU, L. A., PERLMAN, D. *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy*. New York: Wiley, 1982.
- PERLMAN, D., JOSHI, P. The revelation of loneliness. In: M. Hojat & R. Crandall (Eds.), *Loneliness: Theory, research and application*. London: Sage, 1989.
- POSSATTI, I. C., DIAS, M. R. Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar psicológico, *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 5, n. 2, 2002.
- PRIORE, M. D. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ROSA, S. História da Educação no Brasil: a Literatura como fonte alternativa. Texto apresentado no *IV Congresso Iberoamericano de la Educacion Latinoamericana*, Santiago-Chile, 1998.
- ROTENBERG, K. J. Loneliness and interpersonal trust, *Journal of Social and Clinical Psychology*, v. 13, n. 2, p. 152-173, 1994.



ROUGEMONT, D. Tradução de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. *História do amor no Ocidente*. São Paulo: Ediouro, 2003.

RUSSELL, D., *et al.* Social and emotional loneliness: An examination of Weiss's typology of loneliness. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 46, p. 1313-1321, 1984.

SANCHEZ ARAGON, R.; DÍAZ-LOVING, R. Auto-estima y defensividad: Los ingredientes de la interacción saludable con la pareja? *Revista de psicología*, v. 11, n. 2, p. 19-38, 2002.

SEEWALD, F. *et al.* O tema da solidão: Klein e Winnicott revisitados. *Revista Psiquiatria*, v. 17, n. 1, p. 29-37, 1995.

SILVA, V. V. A. *De repente do riso fez-se o pranto: representações e expressões do amor e do sofrimento amoroso*. 2006. 165p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio grande do Norte, 2006.

SOARES, S. S. G. S. *A solidão na pós-modernidade*. Disponível em: <[http://www.abp.org.br/artigos/xxcong\\_sylvia.doc](http://www.abp.org.br/artigos/xxcong_sylvia.doc)>. Acesso em 20 jul. 2006.

STORR, A. Tradução Claudia Gerpe Duarte. *Solidão*. São Paulo: Paulus, 1996.

SZAPIRO, A. M., FÉRES-CARNEIRO, T. Construções do feminino pós anos sessenta: O caso da maternidade como produção independente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 1, p. 179-188, 2002.

TANIS, B. *Circuitos da solidão: entre a clínica e a cultura*. São Paulo: Casa do psicólogo/ FAPESP, 2003.

YOUNG, J. E. Loneliness, depression and cognitive therapy: Theory and applications. Em: L. A. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy*. New York: Wiley, 1982.

WEISS, R. S. Issues in the study of loneliness. Em: L. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy*. New York: Wiley, 1982.

WOORTMAN, K. A. A. W. *Monoparentalidade e chefia feminina*. Instituto de Estudios Peruanos. Serie Antropología, v. 1, p. 253-255, 2004.

ZELDIN, T. Tradução Manuel Carneiro. *História íntima da humanidade*, Lisboa: Teorema, 1997.